

a Aposentadoria entre outros.

Indo mais longe

Nos últimos três anos, foram consumidas no Grupo Nova América, em média, 29 horas *per capita* em treinamento, num total de aproximadamente 3.840 cursos com 82.293 participações.

A capacitação é estendida à comunidade através do Projeto Futuro, iniciativa que visa ao desenvolvimento de crianças e jovens através de atividades sociais, culturais e de formação profissional, fortalecendo aspectos de cidadania e disciplina e contribuindo para a melhoria de vida de seus integrantes. São oferecidos os subprojetos: Horta, Banda Marcial, Coral, Menor Aprendiz e Teatro. Mediante convênio firmado com o Senac, no Programa Educação para o Trabalho, o projeto evoluiu de projeto social para preparatório para o mercado de trabalho.

Outras parcerias necessárias são firmadas com instituições públicas e privadas, sempre visando ao aprimoramento de conhecimentos profissionais e pessoais de todo o seu universo de colaboradores.

Roberto de Rezende Barbosa é diretor do Grupo Nova América.

ARTICULAÇÃO EXTERNA

Doce aliança

Unindo vozes, países produtores de açúcar exigem o fim do protecionismo dos países desenvolvidos a seus produtos

HOMEROCORRÊADEARRUDAFILHO

A tentativa de lançamento da Rodada do Milênio na Reunião Ministerial da OMC, em dezembro, deixou um sentimento geral de frustração. Essa sensação foi transmitida pela confusa reunião de Seattle aos representantes de importantes setores da agricultura brasileira presentes ao evento, entre os quais o setor açucareiro.

Se por um lado ficou a certeza de que as negociações que se seguirão no âmbito da OMC não serão fáceis para os países em desenvolvimento, obtivemos, no caso específico do setor açucareiro, um marco de extrema importância nos eventos paralelos que ocorreram naquele momento: a união dos principais países exportadores e importantes consumidores de açúcar do mundo na Global Alliance for Sugar Trade Reform and Liberalisation.

Abaixo o protecionismo

Unidos em aliança internacional, Austrália, Brasil, Canadá, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Índia, Nicarágua, Panamá e Tailândia enviaram aos negociadores de 135 países presentes na reunião da OMC uma mensagem clara, inequívoca, em defesa da liberalização do mercado internacional de açúcar.

Ao denunciar as perdas econômicas e sociais que os países mais eficientes na produção de açúcar vêm sofrendo como conseqüência das políticas protecionistas praticadas por inúmeros países, sobretudo da União Européia, Estados Unidos e Japão, os países membros da Aliança se comprometeram a defender,

entre outras ações, as que levem à efetiva abertura dos mercados e à eliminação das distorções causadas pela concessão de subsídios à exportação e pelas medidas de suporte às produções domésticas, que acabam interferindo nas condições mercadológicas.

As teses defendidas pela Aliança tiveram o apoio dos ministros de Estado do Brasil, da Austrália e da Tailândia. A manifestação do ministro Marcos Vinícius Pratini de Moraes à imprensa internacional não deixa dúvidas de que não se trata apenas de queixas isoladas de um setor da economia mas de um posicionamento de governo em defesa dos legítimos interesses de seu país.

Uniram-se também os produtores brasileiros de açúcar para deliberar sobre os princípios liberalizantes que pudemos defender. A compreensão de que pequenas vantagens de curto prazo, auferidas por alguns produtores, não poderiam dificultar a ação em defesa do setor como um todo foi fundamental para que o Brasil tivesse uma posição coesa.

Certezas de Seattle

Como resultado das negociações de Seattle restaram algumas certezas que não devem ser esquecidas nas negociações já reiniciadas pela OMC. A primeira que se destaca é a de que o Brasil é o maior perdedor com as barreiras comerciais praticadas no mercado externo de açúcar.

Nosso prejuízo se manifesta no volume de açúcar que deixamos de exportar e na deterioração dos preços que recebemos, fruto da insistência de vários países, pouco eficientes na produção de açúcar, em jogar seus excedentes no mercado internacional por meio de elevados subsídios à exportação. Segundo estimativa da Copersucar, a perda do Brasil equivale a cerca de US$2 bilhões por ano, além dos benefícios sociais equivalentes proporcionados pela atividade produtiva.

A segunda é a de que os produtores dos países desenvolvidos, que protegem seus mercados, possuem poder de *lobby* junto a seus governos capaz de dificultar consideravelmente as concessões que possam ser feitas nas negociações multilaterais da OMC. Um esforço adicional deverá ser feito pelas indústrias lesadas para mostrar, aos consumidores e contribuintes desses países, o mal que suas políticas causam às nações menos desenvolvidas.

A terceira é a de que apenas um posicionamento conjunto e intransigente em defesa dos objetivos traçados pela Aliança poderá repassar aos demais países a certeza de que não podemos ceder em outros setores da economia se não tivermos reciprocidade no trato das questões agrícolas.

Falsos benefícios

Os próximos passos da Global Alliance já estão sendo dados. O aprofundamento das investigações sobre políticas protecionistas e suas conseqüências e a divulgação dos resultados para o mundo são prioritários para fundamentar os argumentos usados nas negociações. Devemos deixar bem claro que, ao defender os interesses de seus produtores de beterraba, em uma atividade altamente mecanizada, os países desenvolvidos estão condenando milhões de trabalhadores dos países em desenvolvimento ao desemprego.

Igualmente importante é mostrar a alguns países da África, Ásia e Caribe que o falso benefício que recebem por dispor de condições privilegiadas para venda de uma pequena quantidade de açúcar dentro dos regimes de quotas preferenciais, nos países desenvolvidos, poderá ser substituído por uma atividade econômica próspera e sustentável, à medida que se consiga a abertura desses mesmos mercados. Os mercados de adoçantes de Estados Unidos, União Européia e Japão equivalem a cerca de 35 milhões de toneladas, mas suas importações, sob regime de quotas preferenciais, não atingem um décimo desse volume.

Existe ainda uma importante pendência no processo de liberalização que necessita de atenção especial do governo brasileiro. Trata-se da integração do setor açucareiro no Mercosul. O correto encaminhamento dessa questão permitirá a eliminação desse constrangimento que afeta todo o bloco, além de possibilitar que nossos parceiros se alinhem a nós na defesa da liberalização de todo o mercado açucareiro.

A Global Alliance for Sugar Trade Reform and Liberalisation representa um marco de extrema importância, com a união dos principais países exportadores e importantes consumidores de açúcar do mundo.

Homero Arruda é presidente da Copersucar.

